



## CONSIDERAÇÕES SOBRE COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM NA INTERAÇÃO COM CRIANÇAS SURDOCEGAS

Desde o momento de nosso nascimento, o mundo à nossa volta interage conosco e pouco a pouco nós interagimos com o mundo. Começamos a nos comunicar apoiados sobre a interpretação que as pessoas ao nosso redor fazem a partir dos nossos atos interativos. Iniciamos o desenvolvimento de uma comunicação a partir da comprovação de que os nossos atos são determinantes para modificar o que acontece à nossa volta, ajudando-nos a conseguir o que pretendemos. Assim, selecionando por contraste os atos comunicativos mais eficazes e imitando os que interagem conosco, estruturamos a nossa comunicação tornando-a efetiva/eficaz no ambiente no qual estamos desenvolvendo pouco a pouco uma linguagem.

Para que este processo tenha sucesso, a forma de interagir deve estar adaptada às possibilidades de captação de estímulos dos “sujeitos” que intervêm na interação.

Habitualmente, nosso comportamento interativo ou comunicativo pressupõe capacidades de captação de estimulação similares às nossas, de forma que quando devemos enfrentar interlocutores que possuem diferentes tipos de captação de estímulos, produz-se uma situação indefensável que rompe o processo comunicativo que levaria ao desenvolvimento de uma linguagem comum.

Os sentidos são os órgãos que relacionam o organismo com o ambiente. À medida que se familiarizam com o ambiente, captam informação especializando-se em cada um dos sistemas sensoriais, - visão, audição, tato, paladar, olfato - na detecção de um tipo de informação (tipo de estímulo). Eles têm, além do mais, capacidade para captar informação de maneira simultânea, destacando o que for importante de acordo com a pessoa, motivação do momento, ambiente, etc., e ignorando a informação desnecessária ou redundante. Os sentidos são, em psicologia, as janelas da cognição.

Como os sentidos atuam para captar o mundo exterior e representá-lo no cérebro? O processo poderia ser resumido da seguinte forma: um estímulo (ou troca de energia), ocorre no ambiente e é captado pelas células receptoras dos sentidos; os traços dos estímulos são analisados, a energia física converte-se em energia nervosa para sua condução através das vias condutoras, os impulsos nervosos chegam às áreas especializadas do córtex cerebral e é aí onde a informação se organiza, integra e adquire significado.

A sensação é o processo pelo qual a estimulação, que é captada pelas células receptoras dos sentidos, converte-se em impulso nervoso que é enviado ao cérebro, onde é registrado.



A percepção é o processo através do qual o cérebro organiza, elabora e interpreta a informação dos estímulos para dar-lhes sentido.

Sensação e percepção são produzidas através de um processo unitário e contínuo que pode ser interpretado como o início do sistema de processamento de informação.

Quando algum dos sentidos está danificado, o cérebro se esforça para obter, através dos outros sentidos, os dados necessários para organizar a informação de forma que possa adquirir significado.

Se os sentidos danificados são a visão e a audição, os estímulos ambientais que o organismo pode captar ficam muito reduzidos, já que estes sistemas são as duas principais e habituais fontes para obter informação à distância.

Isto dificulta enormemente que o processamento da informação seja realizado de forma coerente, a não ser que a informação que os outros sentidos forneçam seja tão rica e correlacionada que, considerando a possibilidade de adaptação do sistema perceptivo, possa ser captada e organizada de forma que adquira significado.

Portanto, a atividade cognitiva na pessoa surdocega, especialmente no início, requer uma proposta de estímulos intencionada, através de pessoas com atitudes e treinamento para gerar ambientes de interação comunicativa que, capazes de considerar os sistemas de captação de estímulos úteis, proporcione à pessoa surdocega a possibilidade de construir significados.

Isto exige uma estruturação na atividade diária que leve em conta a proposta de estimulação e favoreça a antecipação, proporcionando segurança à criança surdocega. Também é importante considerar cenários naturais para desenvolver aprendizagens que sejam orientadas e apoiadas na experiência, especialmente no início da interação.

Desde esta perspectiva, é importante, antes de iniciar a interação educativa com crianças surdocegas, refletir sobre alguns dos aspectos fundamentais que orientam o desenvolvimento da comunicação e da linguagem.

A linguagem se adquire como produto da interação social (*Vigotsky 1965*) e da comunicação pré-lingüística e a passagem para a comunicação lingüística se explica pela tendência do adulto à sobre-interpretar as ações da criança e, em consequência, desenvolver um trabalho de suporte para as habilidades comunicativas e lingüísticas (*Brunner, Kayke e Lock, 1963*). Portanto, no nosso entender, a criança aprende a se comunicar entre outros, graças ao fato de que as pessoas que estão à sua volta reagem sistematicamente às suas ações interativas como se realmente fossem comunicativas muito antes de o serem realmente.



O processo é na realidade muito complexo.

Durante muito tempo, o meio de expressão mais importante para a criança é a linguagem do seu corpo, quer dizer, seus movimentos. Se há uma resposta a esta forma de interação por parte do adulto, a criança descobrirá, depois de diferentes repetições casuais, que determinada atitude sua provoca uma reação nos que estão à sua volta. Na medida em que esta reação seja consistente e grata para a criança, ela se interessará em repetir a ação que a provocou com a intenção de conseguí-la novamente, iniciando-se assim o processo de desenvolvimento da comunicação.

A criança deve ser vista como um interlocutor ativo desde o seu nascimento, que precisa ser, além do mais, competente (quer dizer, utilizar uma forma de comunicação que possa ser entendida pelos que estão à sua volta) e previsível (quando faz <isso>, quer dizer <isto>), para ser considerado como um interlocutor com propósitos intencionais.

Os adultos que interagem com a criança são a base dessa competência, atuando como modelos que a criança pode imitar toda vez que ela própria sinte-se imitada pelo adulto, iniciando-se assim uma espécie de diálogo onde os dois interlocutores são ativos. Isto exige uma harmonização, uma sincronização rítmica (você faz, eu faço, nós dois fazemos) e uma co-regulação do conteúdo sobre o qual se estabelece o diálogo, por exemplo, a manifestação de uma emoção, o sorriso, um objeto...(metáfora da orquestra de *Stern, Tronick, Trevarthen, 1970*). Assim, poderíamos dizer que na verdadeira interação comunicativa, os intercâmbios recíprocos e constantes contêm uma influência mútua e atos de interpretação recíprocos (*Bjerkman, 1996*).

Por outro lado, a comunicação precisa, inicialmente, de um ambiente seguro. A criança iniciará a comunicação só se sentir que a sua mensagem é entendida. Precisa, portanto, de uma base de confiança que deverá ser proporcionada principalmente pela mãe e/ou pelos interlocutores mais próximos (*Sigüan, 1991; Daelman, 1996*).

Quando a criança sente que as suas ações têm resposta (se choro, alguém aparece) e que esta é consistente (sempre que choro aparecem) e coerente com que esperava (se sorriu, sorriem comigo, se choro me fazem carinho ou me abraçam), sente-se segura e esta segurança favorece a sua relação com o meio e com os demais.

Inicia-se uma relação na qual a interação criança-adulto, especialmente mãe-criança, adquire um ritmo particular nas trocas, primeiro cara-a-cara, produzindo-se um sincronismo e uma coordenação do comportamento da mãe e da criança (convidando-a com a voz ou com o olhar quando for sua vez de agir) que garante entre elas, episódios de acordo mútuos ou de "inter-subjetividade primária" (*Adamson e Bakerman, 1982; Stern 1988; Trevarthen, 1979*).



Depois, muito em breve, as crianças começam a olhar alternadamente um objeto-acontecimento ou uma terceira pessoa que lhes interessa, quer dizer, que o centro de sua interação social afasta-se dos participantes para incluir os objetos e os eventos do mundo exterior que lhe interessam.

Neste momento as crianças utilizam a referência social tratando o adulto como uma fonte de informação confiável sobre o mundo exterior e logo ajustam a sua relação sobre outro objeto ou evento (aproximando-se ou afastando-se, tocando ou não), levando em conta o comportamento desse adulto que lhe serve de referência (geralmente a mãe), sobre esse mesmo objeto ou evento.

Poderíamos dizer que praticamente no mesmo momento surgem as seqüências nas quais a criança parece coordenar a sua atuação sobre um objeto ou evento com o adulto e, ao mesmo tempo, incluir um terceiro objeto.

Por exemplo:

Mãe e filho se olham, a mãe mexe a cabeça olhando um objeto (bola), a criança segue esse movimento e também olha o objeto (a bola), olha para a mãe para confirmar e ela, por sua vez, dirige o seu olhar para outro evento (o cachorro que acabou de entrar no quarto), assim, a criança também olha para a mesma direção. Depois, a criança olha novamente para a bola, a mãe a vê e ela também olha para a bola, pega a bola e joga-a para a criança, iniciando a brincadeira. A ação não tem que ser iniciada necessariamente pela mãe, a criança pode ser a primeira a demonstrar interesse por um objeto e é a mãe que irá segui-la.

Uma vez que as crianças são capazes de seguir o olhar do adulto e a direção do dedo mostrando algo, começam a utilizar gestos para chamar a atenção sobre aspectos externos (*Buts, Cameron, Volterra, 1975*), que têm o objetivo de transmitir informação ao adulto.

A capacidade da criança de passar o seu olhar do objeto para o seu companheiro e vice-versa indica que ela é consciente do efeito dos gestos sobre o seu interlocutor. (*Bartes, Bretherton, Begnighi, Camaioni e Volterra, 1979*).

Após isto, a criança poderá utilizar os objetos de diferentes maneiras:

1. Para obter ou atuar sobre outro objeto (objeto-objeto)

Exemplo:

- Bater um brinquedo no outro para conseguir abri-lo.
- Utilizar um ponto de apoio ou um objeto para conseguir algo inacessível.



2. Como finalidade, dirigindo-se ao adulto com a intenção de conseguir o que deseja.

Exemplo:

- Conduz o adulto até o pacote de bolachas, olha ou estica suas mãos em direção ao pacote e volta a olhar o adulto.

3. Como meio de chamar a atenção do adulto.

Exemplo:

- Senta na sua cadeirinha de comer para indicar que está com fome.
- Arrasta a bolsa da mãe até ela para sugerir que quer sair.

Através destas ações e interações, a criança aprende a reconhecer o adulto não somente como sujeito que percebe e atua, mas sim, como alguém que tem uma atenção seletiva e passa por diferentes estados psicológicos e de ânimo, e também que diferentes adultos possuem comportamentos diferentes diante de uma mesma atitude de sua parte.

Que a criança pequena seja capaz de dirigir a sua atenção a um objeto ou de compartilhar com outro esta atenção, independentemente de que incorpore o objeto a uma atividade imediata, possui conseqüências muito importantes para o seu desenvolvimento posterior. É o primeiro passo para o reconhecimento de objetos com existência e características próprias, portanto para o que será a denominação dos mesmos.

Podemos supor que a criança está espontaneamente dotada desta atenção desinteressada mais é fácil comprovar como os adultos favorecem e estimula o comportamento da criança reforçando o seu interesse, cada vez que percebem que ela está ocupada contemplando um objeto ou dirigindo a sua atenção para qualquer objeto novo ou diferente, susceptível de interessá-la (*Siguan, 1991*).

A interdependência entre a atividade cognitiva comunicativa e de linguagem torna-se evidente se considerarmos o anteriormente exposto e, por outro lado, que a criança começa a falar porque pretende comunicar algo a quem está à sua volta e o faz oralmente porque foi previamente estimulada através de modelos de um tipo de fala vocal-auditiva, perceptíveis para ela.

É evidente que a criança não espera dominar completamente a linguagem verbal para começar a comunicar-se e que há uma clara continuidade funcional entre a comunicação gestual e pré-verbal e a que se realiza através de palavras e também que durante uma etapa a comunicação continua sendo, em grande parte, gestual, embora se complemente com palavras. Progressivamente, invertem-se os papéis e a

"Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para cegos, WATERTOWN, MASS.U.S.A. 5  
O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton, de RENO, NEVADA-U.S.A."

Pilar Gomes – Coordenadora de Programas Módulo de Atenção Educacional às pessoas surdocegas.

Tradução: Miriam Xavier – 2005 – Revisão: Shirley R. Maia – 2006.



comunicação apoia-se em primeiro lugar nas palavras, enquanto os gestos limitam-se a acompanhá-las ou sublinhá-las. No início, a palavra substitui o gesto, mas logo utiliza cada vez mais palavras mais significativas e imediatamente depois, combinações de palavras com um significado conjunto.

Na medida em que se desenvolve a linguagem, melhora a eficácia da comunicação e a exposição de desejos e propostas torna-se mais complexa.

Portanto a linguagem, na realidade, deve ser interpretada como um sistema de elementos (gestos, sinais ou símbolos) que são relevantes para a comunicação porque se referem a objetos ou aspectos da realidade distantes dela mesma e das que representam. Desta forma, toda linguagem pressupõe a existência de sinais, independente de qual seja a sua modalidade perceptiva concreta (nas línguas faladas seriam as palavras).

Por outro lado, os sinais individuais que constituem a matéria prima e essencial para qualquer linguagem, podem existir e ser funcionais sem que impliquem, necessariamente, a existência de uma linguagem ou de um conhecimento lingüístico por parte de quem o utiliza.

Agora vejamos, a linguagem, qualquer linguagem pelo fato de estar composta por gestos/sinais/símbolos, pressupõe certa capacidade para estabelecer correlações entre significantes e significados (entre o objeto e sua representação), e não deve nunca ser entendida simplesmente como a soma dos sinais individuais que a compõem, mas sim, como a combinação sistematizada de acordo com regras compartilhadas com os interlocutores eficazes nessa linguagem.

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem ou, se preferir, a aquisição e desenvolvimento de um código ou sistema de sinais, está ligado à comunicação e a interação social, a expressão das emoções, o conhecimento da realidade, a conduta voluntária e a capacidade de representação.

Sendo assim, devemos considerar que a linguagem é um sistema complexo de símbolos que atua como mediador e instrumento que favorece a interação com os nossos semelhantes nas diferentes áreas de atividade (afetiva, cognitiva, social, etc.) e que a sistematização da comunicação para se converter em linguagem é tanto mais eficaz quanto mais expor a criança a situações de interação social interessante e na medida em que estas situações se desenvolvam enriquecidas lingüisticamente por uma narrativa ajustada à situação e à criança a quem será dirigida.

A linguagem adulta contribui muito para o aprendizado da criança quando codifica significados que ela é capaz de perceber e aos quais está prestando atenção neste momento. Uma das formas de fazer isto é deixar que seja a criança quem apresente



um assunto de seu interesse mostrando-nos os aspectos que atraem a sua atenção e estabelecendo, sobre eles, a interação e o diálogo.

Podemos definir, portanto, como aspectos relevantes que se deduzem do anteriormente exposto e resumem as idéias básicas sobre comunicação e linguagem que devem guiar o desenvolvimento de uma metodologia de interação com crianças surdocegas, os seguintes enunciados:

1. A comunicação precede a linguagem e há diferentes modos de comunicar-se.
2. A interação pessoal é o grande motivador da comunicação e a interação social o grande motivador da linguagem.
3. A observação do comportamento da criança, estando atento a qualquer detalhe que possa ser entendido como comunicativo e a consistência na resposta do adulto são fundamentais para favorecer o desenvolvimento da comunicação.
4. Um ambiente confortável e previsível oferece segurança e favorece a Interação.
5. As trocas de comunicação devem ter um ritmo que envolva a participação dos interlocutores propiciando a harmonia e sincronização das atuações.
6. Na medida em que a troca comunicativa é acompanhada por uma narrativa ajustada ao contexto e às características da criança, isto facilita a compreensão, ao mesmo tempo que oferece um modelo de linguagem mais amplo.
7. A criança deve ser entendida como participante ativo da comunicação que imita na medida em que é imitado, e precisa de tempo e sugestões para oferecer sua resposta ou mensagem.
8. Quanto maior for a freqüência da exposição da criança a situações comunicativas gratas e interessantes, o que implica companheiros competentes na forma mais adequada de comunicar-se com a criança, maior a possibilidade de que estruture sua comunicação em uma linguagem.
9. As atividades cognitivas, comunicativas e lingüísticas são independentes.
10. A experiência é a base essencial do aprendizado. Assim, a obtenção da linguagem é produzida sem instrução sistemática através das experiências em diferentes contextos e com diferentes interlocutores válidos.